

*COMPORTAMENTO FINANCEIRO  
DE FREQUENTADORES  
DA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE<sup>1</sup>*

Adriano da Silva Rozendo<sup>2</sup>  
José Sterza Justo<sup>3</sup>

resumo

A presente pesquisa buscou analisar o comportamento financeiro de idosos frequentadores do Programa Universidade da Terceira Idade (U3I) da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente/SP. Foram realizadas 35 entrevistas estruturadas. As informações obtidas pelas entrevistas foram submetidas a uma Análise de Conteúdo. A poupança é a modalidade de investimento mais recorrente nesse grupo. O gasto com familiares foi apontado como principal motivo para contração de dívidas. Apesar dos intensos estímulos do mercado voltado a terceira idade, o grupo analisado

---

1 O presente trabalho faz parte da pesquisa de pós-doutorado realizada na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/Assis). Nossos agradecimentos aos frequentadores e coordenadores do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da Faculdade de Ciências e Letras de Presidente Prudente (UNESP/Presidente Prudente) pelo apoio à pesquisa.

2 Graduado em Psicologia. Doutor em Psicologia. Professor associado da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), vinculado ao curso de Psicologia. E-mail: rozendoadriano@aol.com.

3 Graduado em Psicologia. Doutor em Psicologia. Professor livre-docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Campus de Assis), vinculado ao curso de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. E-mail: sterzajusto@yahoo.com.br.

mostrou que mantém um ritmo prudente de consumo, privilegiando investimentos de renda fixa em detrimento do endividamento e contração de empréstimos.

palavras-chave

Comportamento Financeiro. Idosos. U3I.

## 1 Introdução

O aumento da população idosa<sup>4</sup> é uma realidade demográfica vivenciada no Brasil e no mundo. A inversão da pirâmide etária prevista para as próximas décadas já é uma discussão bastante alastrada nos círculos acadêmicos. Historicamente, o fenômeno do envelhecimento populacional vem sendo analisado sobre uma óptica otimista que analisa o aumento da expectativa de vida da população; a universalização do acesso à renda e aos serviços de saúde, assim como a propagação de políticas públicas de atenção ao envelhecimento (VERAS; RAMOS; KALACHE, 1987). Por outro lado, os menos entusiasmados colocam em pauta a queda nas taxas de natalidade, a iminente inversão da pirâmide etária, o aumento de inativos e, principalmente, os impactos econômicos que serão gerados pelos e gastos em saúde e previdência (BALDONI; PEREIRA, 2011; RODRIGUES, 2015).

Em contrapartida aos pensamentos malthusianos sobre o envelhecimento generalizado da população, criou-se um modelo de velhice economicamente ativa, denominada “terceira idade”. Haddad (1986) e Debert (1997, 1999) estudaram como a terceira idade chegou ao Brasil, trazida da Europa, mais especificamente da França, no decorrer da década de 1970. A terceira idade caracteriza-se como uma fase da vida ativa, autônoma, longa e saudável, composta por aposentados que, após uma vida de dedicação ao trabalho e à família, investem tempo e renda em realizações de desejos pessoais.

A renda fixa, por meio de aposentadorias, pensões e benefícios sociais, é uma característica ímpar da terceira idade que chamou a atenção do mercado, que enxergou lucros em uma clientela distinta. O mercado voltado à terceira idade tem se tornado cada vez mais atrativo, pois nesta etapa da vida não

---

4 Os termos “idosos”, “terceira idade” ou “longevos” serão utilizados neste artigo, de forma indistinta, para se referir à população acima de 60 anos, ressaltando que existem grandes diferenças na maneira como o processo de envelhecimento é vivido e nas configurações que vai assumindo no plano individual e em contextos distintos.

existem tantas obrigações financeiras, como aquisição de imóvel, gastos com educação dos filhos, etc. Portanto, o contingente de idosos forma uma parcela de consumidores entusiasmada e com disposição para gastar (ALMEIDA, 2011). A aposentadoria tem importância dupla para a terceira idade. Conforme Debert e Simões (1994) a aposentadoria garantiu o tempo e a renda necessários para a invenção da terceira idade. Por outro lado, as instituições financeiras passaram a oferecer facilidades para acesso ao crédito e estratégias de gestão como investimento em marketing, criação de produtos específicos e treinamento de pessoal especializado para dar atendimento ao idoso (KUBOTA, 1999).

O empréstimo consignado é hoje o maior gerador de lucros do setor bancário com a terceira idade. Tornou-se uma política de Estado, regulada, inicialmente, por uma medida provisória do governo Lula, a MP 130 de 17 de setembro de 2003 e, posteriormente, se tornaria a Lei 10.820 de 12 de dezembro de 2003, cujo objetivo seria beneficiar trabalhadores e pensionistas, permitindo descontos nas folhas de pagamento de empréstimos, financiamentos e operações de *leasing* (SOUZA; MORETTO, 2014; RIGO, 2007). A facilidade de acesso ao crédito, aliada a promessa de realização dos desejos e felicidade instantânea, faz com que os idosos se tornem a camada da população que mais contrai dívidas na atualidade. De acordo com pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (2014a), que buscava analisar os hábitos, os comportamentos e as expectativas da terceira idade, a faixa etária com 60 anos ou mais, além de ser a que mais contrai empréstimo é onde mais cresce o número de inadimplentes. A tendência dos longevos ao endividamento, destacada pelas pesquisas sistemáticas do SPC, em 2014, foi confirmada, em 2018, por pesquisa da Centralização dos Serviços dos Bancos (SERASA) amplamente divulgada pela mídia (CHIARA, 2018). Segundo os dados dessa pesquisa, em maio de 2018, 34% dos brasileiros com mais de 61 anos eram devedores, representando isso por um crescimento de aproximadamente 2% em relação ao ano de 2016. A pesquisa demonstra, ainda, que os idosos não constituem a faixa etária de maior inadimplência, mas que é entre eles que se registra o maior crescimento da inadimplência nos últimos anos.

Os empréstimos e o endividamento fazem parte da rotina de muitos idosos na atualidade. A clássica teoria econômica do “ciclo da vida” em que as pessoas poupariam durante a vida ativa no trabalho para manter um padrão de consumo estável na velhice e período de aposentadoria, quando pode haver decréscimo na renda (NERI; CARVALHO; NASCIMENTO, 2000), vai se esfacelando com o comportamento financeiro de parte significativa dos envelhescentes. Pesquisas sobre o tema mostram que ao longo das últimas décadas os idosos passaram a poupar menos e a gastar mais. Em 1987, 57%

deles tinham reservas financeiras, em especial a poupança (NERI; CARVALHO; NASCIMENTO, 2000), contra 43% em 2014 (SPC, 2014a). A queda de 13% do total de poupadores não reflete perdas no poder aquisitivo do idoso neste período. Pelo contrário, o decréscimo do percentual de poupadores coincide com o aumento da renda dos idosos e maior acesso a benefícios da seguridade social durante o período, assim como com a entrada dessa população na sociedade de consumo.

Uma pesquisa realizada pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (DPRJ), entre os anos de 2012 e 2017, constatou que o superendividamento afeta mais os longevos em função da “oferta irresponsável de crédito” mediante a modalidade de empréstimo consignado (DPRJ, 2018). Essa pesquisa, além de corroborar o fato de que os longevos têm sido mais afetados pelo endividamento, mostra que a entrada dos idosos no consumo de serviços bancários (DALMORO; VITTORAZZI, 2016) os torna vulneráveis a interpelações pela justiça. De “velhinhos” aposentados, poupadores e aquietados no refúgio do lar, passam a ser vistos nos corredores de Fóruns de Justiça respondendo a processos de cobrança judicial de dívidas contraídas junto a bancos e outras instituições financeiras.

## 2 Do *Homo sapiens* ao *Homo economicus*: consumo e terceira idade

O surgimento da figura do idoso aposentado superendividado, muitas vezes tendo que responder à justiça por isso, precisa ser compreendida historicamente dentro da evolução do capitalismo, sem o que pode parecer um fenômeno isolado no cenário econômico-político. A história do capitalismo desvenda que nos últimos dois séculos o homem passou de produtor a consumidor adicto de mercadorias. A produção de mercadorias foi a peça fundamental para a criação do hábito de consumo. Antes da fase do capitalismo industrial e da produção em larga escala, seria impensável conceber uma sociedade que dependesse do consumo das mais diversas mercadorias para sua sobrevivência. Engels (1974), por exemplo, esclarece que a espécie humana (o *Homo sapiens*) originalmente seria o “animal superior” da natureza, diferente de qualquer outro, capaz de transformá-la para a supressão de todas as suas necessidades, produzindo todos os elementos necessários para a manutenção da vida. Para Marx (1982), o homem perdeu sua capacidade de transformar a natureza com o capitalismo industrial, transferindo para a manufatura e para a forma dinheiro os meios de aquisição de valores de uso e de troca. O

*Homo faber*, descrito por Marx (1982), era um animal mutilado comparado a um monstro antropológico, uma transmutação irreconhecível do *Homo sapiens*.

Mais adiante, no início do século XX, transformações na administração das indústrias iriam iniciar o processo de criação do homem consumidor. A revolução angariada pelos princípios da “Administração Científica” propostos por Taylor e a constituição de um novo trabalhador com poder aquisitivo para o consumo, reformulada por Ford, iriam, respectivamente, aumentar a produção em escalas inimagináveis e criar consumidores ativos para escoarem o excesso de mercadorias produzidas a menor custo. A cobiça de criar consumidores ativos foi mais elaborada pelo Toyotismo e a produção por demanda e customizada. O processo de produção de mercadorias começava agora pelo consumidor, antes considerado a última fase da produção. A partir de então, o consumidor passou a ser o principal termômetro da produção industrial, seus desejos e singularidades cadenciavam o ritmo das máquinas. É justamente a partir deste ponto que o consumo se torna uma prática desenfreada na sociedade. O cenário é transformado, de uma sociedade de produtores a uma sociedade de consumidores (BAUMAN, 2010). O homem, além de não produzir mais os elementos de que precisa para sua sobrevivência – tal como fazia o ancestral *Homo sapiens* –, passa a consumi-los em demasia, mesmo que tais elementos não sejam necessários para a sua sobrevivência. O próprio humano passa a assumir características de mercadorias vendáveis, conhecido como “capital humano”. Surgia então a mais recente transmutação da raça humana, o *Homo economicus*, com características de trabalhador dócil, intelectualizado e consumista (GAULEJAC, 2007; FOUCAULT, 2008).

Ao analisar a sociedade de consumo, Bauman (2008) considera o homem contemporâneo como uma mercadoria em busca da satisfação dos desejos pessoais. A busca pela satisfação do desejo na contemporaneidade seria maior que em qualquer outra sociedade do passado. O desejo para o consumo nunca é satisfeito e sempre se renova, dando continuidade aos experimentos consumistas. Até os mais pobres devem manter um ritmo de consumo dinâmico de mercadorias dispensáveis para evitar discriminação. A troca constante de aparelhos celulares, que surgem a cada dia com novos estilos e funções, é um exemplo de um imperativo de consumo de renovação incessante que atinge a todas as faixas etárias e econômicas.

O consumo passou ainda a vincular qualidades humanas ao consumidor. Consumir não representa apenas um ato de satisfação de necessidades, mas assume a função de ato político, estético e ético, se tornando a maior representação de protagonismo no contemporâneo. A arte, a política, a filosofia e até o próprio corpo tornam-se elementos secundários de representação dos

sujeitos no mundo, assumindo o consumo tais funções. O estilo, a roupa e as marcas, o carro, os lugares que frequenta, a decoração da casa são elementos identitários e significantes das pessoas.

Atrrelada à necessidade de satisfação incessante e imediata do desejo de consumir, o crédito seria a mola propulsora do consumismo (BAUMAN, 2010). Implantado como política financeira na década de 1970 é hoje o combustível que move o consumo desenfreado de bens e mercadorias que levam ao endividamento.

A terceira idade representa um modelo de envelhecimento mais reativo às demandas sociais, políticas e econômicas e também foi enquadrada na lógica de consumo da contemporaneidade. Lemas como “aproveitar a vida”, “gastar mais e economizar menos” e “viver sem se preocupar demais com o dia de amanhã” são adotados pelos idosos e revelam um ímpeto imediatista e hedonista na vida da terceira idade (SPC, 2014a). Tal tendência é acompanhada de endividamento e inadimplência com gastos essenciais como contas de água e luz (SPC, 2014b). Ao mesmo tempo, nota-se um aumento no consumo de bens considerados supérfluos entre os idosos (NERI, 2012).

Em 2013, 22% dos idosos já haviam feito empréstimos consignados, enquanto 32% tiveram o nome incluso no Serviço de Proteção ao Crédito. O crescimento do percentual de empréstimos entre os idosos é vertiginoso, já que em 1996 representavam apenas 2,4% dos devedores (NERI, 2007). Conforme pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), a inadimplência é decorrente da falta de planejamento nos gastos pessoais (27%), seguido de empréstimos pessoais realizados para terceiros (21%), principalmente, familiares (SPC, 2014a). Débitos com empresas financeiras em decorrência de empréstimos consignados representam 47,3% das dívidas entre os idosos (SPC, 2015).

Estes dados mostram que não somente o consumo pessoal tem sido financiado pelas aposentadorias, mas também o consumo de terceiros, como familiares, filhos e netos. Um fator curioso é que a inadimplência entre os jovens (de até 24 anos) tem caído, ao contrário dos idosos, que tem aumentado. Fontes revelam que em 2014, 26% dos jovens tinham registros nos órgãos de proteção ao crédito, já entre os idosos esse montante era de 27% (SPC, 2014b).

### 3 Objetivo

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar o comportamento financeiro de um grupo de mulheres que frequentava o programa Universidade da Terceira Idade (U3I), da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente

Prudente (FCT/UNESP). Procurou-se traçar o perfil das entrevistadas, o(s) tipo(s) de renda; como gastavam; se poupavam; como distribuíam suas despesas; se faziam empréstimo, se utilizavam crédito (e como utilizavam) e se possuíam dívidas.

Como objetivo secundário foi analisado se o programa U3I trazia impactos econômicos (gasto, e/ou receita) diretos na vida das frequentadoras. A U3I é hoje um *locus* privilegiado de concentração de idosos que representam a terceira idade. Trata-se de um programa de atenção ao idoso que forma e multiplica o modelo de envelhecimento em foco, compreendido como referência no ingresso de idosos no modelo de envelhecimento da terceira idade.

#### 4 Metodologia

Na fase da pesquisa bibliográfica foram levantadas pistas de outras pesquisas que instruíram a elaboração de um questionário piloto. Devido ao grande número de questões a serem analisadas, optou-se pela realização de entrevistas estruturadas. Pesquisas sobre os gastos das famílias brasileiras feitas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e sobre o consumo, endividamento e inadimplência, realizadas pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) foram utilizadas como base para elaboração do instrumento. O questionário piloto foi aplicado em 5 idosos que auxiliaram na exclusão e inclusão de perguntas e respostas na versão final do questionário.

O trabalho parte da reflexão de 35 entrevistas realizadas com idosas, participantes de um grupo do programa U3I da Faculdade de Ciências e Letras de Presidente Prudente (FCL/UNESP), localizada no oeste paulista. As entrevistadas foram convidadas a participar voluntariamente da pesquisa. Antes de responderem ao questionário, leram e assinaram o termo de consentimento livre esclarecido. Apenas um homem participou da pesquisa na fase de teste do questionário porque era o único homem desse grupo, corroborando a tendência da feminização da velhice e das U3I (SALGADO, 2002). Por este motivo, foi utilizado o modo de tratamento feminino durante o texto.

As participantes formaram uma amostra não probabilística, conforme definição dada por Laville e Dionne (1999). Apesar do uso de percentuais, frequências, a abordagem da pesquisa foi qualitativa. Desta forma, os percentuais serviram como base para interpretações dos pesquisadores.

Por não se tratar de um estudo de caso particularizado, buscou-se ouvir todas as voluntárias do grupo, tentando assim construir a fala de um sujeito coletivo. Conforme Gomes (2004), as representações socioculturais das opiniões

e representações de um grupo com características similares (neste caso a terceira idade) têm muitos pontos em comum. Os hábitos, as experiências, as inquietações, a vida econômica da terceira idade que frequenta as U3Is, seguem praticamente uma linha tecida pela coletividade, retratando assim, experiências comuns no envelhecimento. A própria globalização é uma grande niveladora de experiências das fases da vida, que torna o envelhecer e a terceira idade vivências comuns no Brasil e no mundo. Portanto, a fala dos sujeitos individuais compõe a fala de um sujeito coletivo, que narra a realidade vivenciada no envelhecimento (ROZENDO, 2013).

As informações obtidas pelas entrevistas foram submetidas a uma Análise de Conteúdo, conforme o modelo proposto por Bardin (2011). As categorias de análise foram estabelecidas previamente, de acordo com os itens da entrevista estruturada, extraídos da literatura sobre o assunto.

## 5 Resultados e discussão

As características do grupo examinado apontam para um perfil de mulheres de classe média e de elevado nível de escolaridade. A maioria (23) tinha idade acima de 70 anos e eram de casadas (20), enquanto as demais se declararam solteiras (5), divorciadas (1), ou viúvas (9). 60% (21) tinham curso superior completo e 17% (6) tinham especialização. Apesar das perguntas estarem dirigidas individualmente, no caso das casadas, a renda e as despesas declaradas incluía os rendimentos do cônjuge.

A renda familiar das idosas tinha como fonte principal a aposentadoria (71%) seguida de pensão (9%). Dentre as idosas casadas, 17% (6) relataram não ter nenhuma fonte de renda, dependendo exclusivamente da renda dos maridos. Apenas 10% das entrevistadas relataram que suas famílias dependiam de atividade remunerada como fonte de renda, revelando o perfil de um grupo com renda fixa e tempo livre, característico da terceira idade. Conforme classificação da Fundação Getúlio Vargas (NERI, 2012), as participantes eram, na maioria das classes C (77%) e D (14%). A minoria, 9% (3), eram da classe A, com renda familiar superior a R\$ 9.745,00 (nove mil, setecentos e quarenta e cinco reais) mensal. Em relação à profissão exercida antes de ingressar na U3I, 43% (15) eram professoras do ensino fundamental, ou médio; 26% (7) eram donas de casa; 20% (9) profissionais liberais e 11% (4) funcionárias públicas.

No grupo estudado, frequentar a U3I não trouxe nenhum impacto econômico. Nenhuma fonte de renda foi gerada por meio de eventuais cursos, ou grupo de trabalho que pudesse ser formado na U3I. Tampouco gastos extras

foram gerados, por meio de atividades externas, como viagens e excursões, por exemplo. Até mesmo o transporte até o local programa não trouxe aumento nos gastos, conforme as entrevistadas.

Foram perguntados o percentual de gasto mensal com itens rotineiros de despesas, como saúde, habitação, alimentação, etc. Alguns itens de despesas são bastante comuns, como as despesas básicas e produtos farmacêuticos. Por outro lado, itens de despesas que têm bastante peso para algumas idosas, não são relatados por outras, como, por exemplo, despesas com familiares. Por esse motivo, a média de gasto por item foi calculada apenas com base nas respostas daquelas que declararam despesas naquele dado item, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição das despesas

Item de despesa	Percentual e número de idosos que declararam despesa mensal no item	Média mensal de gasto em cada item
Despesas básicas com água, luz, telefone, internet e supermercado	83% (29)	36,83%
Despesas gerais com filhos, netos e demais familiares	49% (17)	24%
Produtos farmacêuticos	63% (22)	14%
Estética/beleza	57% (20)	5,60%
Plano de saúde	49% (17)	15%
Viagens	46% (16)	13,75%
Vestuário	46% (16)	9%
Restaurante	26% (9)	6%
Esportes/academia	26% (9)	3,55%
Lazer	20% (7)	8,14%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Não foram registradas queixas em relação à falta de produtos que atendessem especificidades das idosas no mercado. Tal queixa é bastante comum entre idosos, tal como aponta pesquisa com amostra nacional do SPC (2016c)

As categorias de despesa “Aluguel” e “Festas e bailes” foram mencionadas por apenas duas participantes. “Cultura” e “Jogos, apostas e bingos”, por apenas uma cada. As categorias “Educação e cursos”, “Fumo” e “Bebida

alcoólica” não foram mencionadas. Na categoria “outras despesas” foram relatados gastos com ações de “caridade e filantropia” por duas idosas e com “financiamento de carro”, por uma.

Cinco idosas declararam gastar 100% de sua renda mensal, ou mais. As demais (30) declararam gastar 90%, ou menos. Apenas 9% (3) delas, têm o hábito de realizar compras pela internet, o que cadencia de forma mais prudente o ritmo de consumo, enquanto nacionalmente, quase 20% da população idosa já utiliza a internet para realizar compras (SPC, 2016a).

Quando questionadas se havia uma predileção por gastar, ou fazer economia, 42% (15) declararam se preocupar mais em economizar, enquanto 29% (10) se preocupam mais em aproveitar a vida sem observar os gastos. Já na pesquisa nacional realizada pelo SPC, 46% dos idosos estariam mais preocupados em aproveitar a vida, o que confere ao grupo de entrevistadas uma maior tendência a poupar em relação à amostra nacional (SPC, 2016c). 29% das entrevistadas (10) estavam divididas entre economizar e realizar desejos que demandassem gastos.

A oferta de crédito às entrevistadas é grande, sendo que 94% (33) delas declararam já terem sido assediadas por bancos e/ou empresas financeiras para fazerem um empréstimo. A facilidade de acesso ao crédito e o juro mais baixo – para aposentados – tem sido motivo para emprestar o nome para crédito a familiares, conforme admitiram 20% (7) delas. Na época da entrevista, 11% (4) estavam pagando parcelas de empréstimos consignados. Em média, o total do empréstimo era de vinte e cinco mil reais, parcelados em 60 meses. Em relação às dívidas, 20% (7) declaram ter algum tipo de débito a pagar na atualidade. Dentre as devedoras, as principais razões de contração de dívidas foram: “pagamento de dívida de familiares” (43%); “reforma da casa” (29%); “cobrança indevida”, como contas de celular (14%) e “gastos com dentista” (14%).

Gráfico 1 – Percentual de idosas endividadadas



Fonte: Elaborado pelos autores.

Apesar de dívidas e empréstimos não terem sido tão frequentes entre as entrevistadas, o uso do crédito é bastante frequente, sendo parte da rotina de 71% (25) delas. Os custos com a fatura do cartão representam, em média 28,63% dos gastos mensais (em faturas) de 69% delas. O cheque especial e o empréstimo consignado foram pouco mencionados, sendo utilizado como alternativa por apenas 6% (2) e 11% (4) respectivamente. Percentuais muito abaixo das médias nacionais que apontam que 19% dos idosos utilizam o cheque especial e 18% o empréstimo consignado (SPC, 2016c).

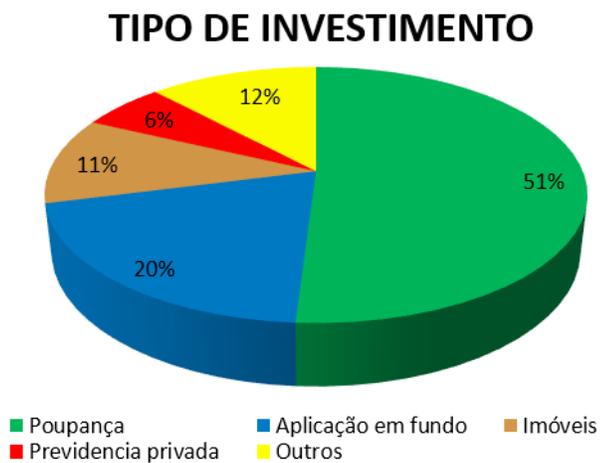
Fazer investimentos é a prática mais comum no grupo, do que efetuar dívidas. 77% (27) das entrevistadas tinham pelo menos um tipo de investimento e apenas 23% (8) não possuíam nenhum investimento. 11% (4) tinham mais de um investimento. A média de investimentos na poupança entre as entrevistadas é maior que a nacional que é próxima de 50% (SPC, 2016c). Os gráficos seguintes permitem visualizar a comparação entre aqueles que conseguem poupar e investir e os que não conseguem, assim como a modalidade de investimentos.

Gráfico 2 – Percentual de poupadoras/investidoras



Fonte: Elaborado pelos autores.

Gráfico 3 – Tipos de investimentos



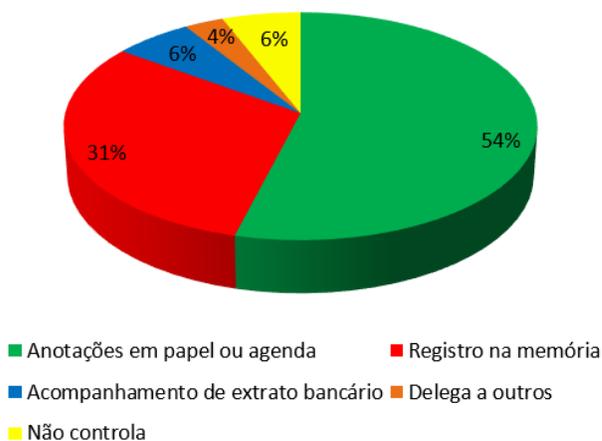
Fonte: Elaborado pelos autores.

As principais finalidades dos investimentos diziam respeito a preocupações com o futuro pessoal. Duas finalidades foram muito mencionadas: “ter uma reserva para imprevistos” (59%) e “aproveitar a vida fazendo viagens, cursos e/ou outros gastos pessoais (25%)”. Tais percentuais se assemelham muito com os resultados da pesquisa SPC que apontam as justificativas para os investimentos entre idosos (2016). Deixar herança para filhos e netos foi mencionada como finalidade principal de investimento por apenas duas entrevistadas. Essa incidência destoa da pesquisa SPC que indica que aproximadamente 36% dos idosos poupam com essa finalidade (SPC, 2016c).

O controle das finanças é rotineiro para 94% (33) das idosas. Para isso utilizam alguns meios, conforme gráfico 4:

Gráfico 4 – Modo de controle das finanças

### CONTROLE DAS FINANÇAS



Fonte: Elaborado pelos autores.

A preocupação com a situação financeira é uma constante mesmo para aquelas que possuem uma renda fixa e estável. Ter alguma reserva financeira para eventuais despesas imprevistas, principalmente com tratamento médico de si mesma ou de familiares, minimiza temores e inseguranças quanto ao futuro. Apesar do baixo rendimento em relação a outras modalidades de renda fixa, a clássica poupança continua sendo o meio mais utilizado para tal fim. Talvez pela popularidade, confiabilidade e principalmente pela segurança que

esse meio de investimento conquistou entre os brasileiros. É cabível supor que essa busca de segurança financeira contra imprevistos funciona mais no plano psicológico/subjetivo do que no plano material/objetivo propriamente dito, isto é, seguramente o montante das economias acumuladas numa poupança não seria suficiente para cobrir gastos com graves problemas de saúde ou de outra ordem que poderia surgir, mas produzem uma confortável sensação de que a pessoa está protegida nessa fase da vida na qual irrompem e podem predominar sensações de vulnerabilidade. Nesse sentido, não importa muito o valor total da poupança, mas sim o fato de o idoso estar convencido de que possui uma reserva de dinheiro bem protegida e sólida para utilizar em alguma situação de necessidade. Mesmo aqueles que possuem um entorno familiar bem estabelecido e próximo (neste levantamento, 77% das entrevistadas viviam com familiares), não se sentem seguros e protegidos sem alguma reserva financeira ou bens próprios que possam recorrer em caso de alguma dificuldade extrema.

Os meios utilizados para acompanhar e administrar as finanças são relativamente simples. A maioria anota em agenda, caderno ou em algum papel as despesas ou pagamentos a fazer e outra parte expressiva faz o controle do orçamento “de cabeça” (registra na memória), conforme disseram literalmente. Uma pequena parcela delega a outros ou faz o acompanhamento da execução do orçamento por extratos bancários. O acesso a extratos bancários não é tão fácil para essa população, principalmente para aqueles que não utilizam a internet, e talvez isso explique o pequeno uso desse instrumento.

## 6 Considerações finais

A predominância de mulheres na U3I analisada confirma a hipótese da feminização da terceira idade no Brasil e também o fato de que, no Brasil, as mulheres são mais dispostas a participarem de programas desse tipo, que tem como foco principal a atenção à saúde. A renda limitada do grupo de entrevistadas talvez justifique a procura por programas de atenção ao envelhecimento gratuito, tal como no caso da U3I analisada, em detrimento de programas pagos ou de outras atividades oferecidas pelo mercado no conjunto das mercadorias destinadas especificamente para esse segmento de consumidores. Mesmo assim, a limitação dos ganhos não foi motivo para procurar exercício de atividade remunerada, ou capacitação para trabalho e/ou produção pelas entrevistadas, que buscam na U3I, basicamente, mais qualidade de vida e bom emprego do tempo livre. Por isso, a U3I não representou nenhum gasto, ou

acréscimo na renda das respondentes. O transporte público gratuito para os idosos na cidade analisada, é um fator considerável para a total ausência de gastos com o programa.

As proporções dos gastos mencionados são características da terceira idade. Despesas com habitação, transporte e educação, que, em geral, somam 47% do orçamento familiar brasileiro (SILVEIRA *et al.*, 2007), são substituídas na terceira idade por despesas com estética e beleza, viagens, vestuário, restaurantes e lazer, assim como por produtos farmacêuticos e plano de saúde. Porém, há um grande peso de gastos com familiares, principalmente com filhos e netos. A ausência de gastos com álcool e fumo mostra que as mulheres de terceira idade, mantém hábitos considerados saudáveis durante o processo de envelhecimento, o que corrobora o crescente aumento da expectativa de vida no país, sobretudo no sexo feminino, estimada em 79,4 anos, enquanto 72, 4 para homens, conforme a Tábua de Mortalidade para o Brasil em 2016 (IBGE, 2016).

Fazer economia ainda é a preocupação mais comum no grupo examinado, em detrimento da entrega ao mundo do consumo e satisfação compulsiva dos desejos cooptados pelo mercado. Isso representa uma resistência ao consumismo estimulado pelo capitalismo atual. Mesmo assim, boa parte delas contraíram dívidas, principalmente para saldar créditos de familiares próximos, como filhos e netos. Hábitos como comprar pela internet e utilizar o limite do cheque especial, ainda não fazem parte da rotina desse grupo de idosas. Por outro lado, a utilização do cartão de crédito já é uma prática bastante comum, que pode levar ao endividamento. Seja como for, é importante frisar que as entrevistadas possuem menos dívidas e poupam mais, quando comparadas a grupos de idosos entrevistados nas ruas, tal como apontam as pesquisas do SPC citadas no texto.

Apesar de ser a modalidade que traz menos retorno na renda fixa, a predileção das idosas é pela poupança. Talvez por ser o investimento mais conhecido e que traz mais segurança para as entrevistadas. Em geral, a poupança tem como finalidade o uso pessoal, seja para necessidades eventuais, seja para satisfação de desejos. A herança seria um desvio acidental, tal como apontam Neri, Carvalho e Nascimento (2000).

Comparando a pesquisa do IPEA (SILVEIRA *et al.*, 2007) sobre os gastos das famílias brasileiras com os dados obtidos no presente levantamento, observou-se uma redução de gastos com transporte e habitação, devido à quitação de financiamentos de imóveis e gratuidade nos transportes públicos. Ao mesmo tempo, há um grande aumento nas despesas com plano de saúde (de 8,04%, para 15%) e medicamentos (de 2,34% para 14%), devido maior frequência de problemas de saúde entre os mais velhos. Há também um grande aumento

em itens de vestuário (de 5,76% para 9%), o que revela maiores gastos em produtos relacionados à estética entre as idosas. Despesas comuns das famílias brasileiras apontadas na pesquisa do IPEA, principalmente com educação, deixaram de fazer parte dos gastos das entrevistadas.

*FINANCIAL BEHAVIOR OF STUDENTS  
FROM THE UNIVERSITY OF THE THIRD AGE*

abstract

The present research seeks to analyze the financial behavior of older adults from the University of the Third Age Program (U3A) at the University of Science and Technology of Presidente Prudente/SP. Thirty-five structured interviews were conducted. The information obtained from the interviews was submitted to a Content Analysis. Savings are the most recurrent form of investment in this group. Expense with family members was pointed out as the main reason for debt contracting. Despite the intense market stimuli aimed to senior citizens, the Group analyzed showed that maintains a prudent consumption, favoring fixed-income investments rather than borrow inland contraction of credit.

keywords

Financial Behavior. Older Adults. U3A.

referências

ALMEIDA, Ivana Carneiro. *Terceira idade e consumo: experiência de consumo alimentar da classe C*. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011.

BALDONI, André de Oliveira; PEREIRA, Leonardo Régis Leira. O impacto do envelhecimento populacional brasileiro para o sistema de saúde sob a óptica da farmacoepidemiologia: uma revisão narrativa. *Revista de Ciência Farmacêutica Básica e Aplicada*, Araraquara, v. 32, n. 3, p. 313-321, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida a crédito: conversas com Citlali Roviroso-Madrado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHIARA, Márcia De. Inadimplência de idosos foi a que mais cresceu em dois anos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jul. 2018. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,inadimplencia-de-idosos-foi-a-que-mais-cresceu-em-dois-anos,70002402356>. Acesso em: 30 maio 2019.

DALMORO, Marlon; VITTORAZZI, Kasiana. Trajetórias de consumo: o sujeito-consumidor de serviços bancários na terceira idade. *Revista de Administração Contemporânea*, Maringá, v. 20, n. 3, p. 328-346, 2016.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1997.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.

DEBERT, Guita Grin; SIMÕES, Júlio de Assis. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. In: DEBERT, Guita Grin (org.). *Textos didáticos: antropologia e velhice*. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 31-48.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (DPRJ). *Pessoas acima de 55 anos são mais afetadas pelo superendividamento*. [Rio de Janeiro: DPRJ], 2018. Disponível em: <http://www.defensoria.rj.def.br/noticia/detalhes/6019>. Acesso em: 30 maio 2019.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAULEJAC, Vincent De. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 67-80.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2016: breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas\\_Completas\\_de\\_Mortalidade/Tabuas\\_Completas\\_de\\_Mortalidade\\_2016/tabua\\_de\\_mortalidade\\_2016\\_analise.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2016/tabua_de_mortalidade_2016_analise.pdf). Acesso em: 30 maio 2019.

KUBOTA, Luis Claudio. *Consumo e ciclo da vida: um estudo em marketing e antropologia da terceira idade*. 1999. 148 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARX, Karl. *O capital: livro I*. São Paulo: Difel, 1982. v. 1.

NERI, Marcelo Cortes. *De volta ao país do futuro: crise europeia, projeções e a nova classe média*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

NERI, Marcelo Cortes. *Renda, consumo e aposentadoria: evidências, atitudes e percepções*. Rio de Janeiro: FGV, 2007. (Ensaio Econômico, 663).

NERI, Marcelo Cortes; CARVALHO, Kátia; NASCIMENTO, Mabel. *Ciclo de vida e motivações financeiras (com especial atenção aos idosos brasileiros)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. (Ensaio Econômico, 393).

RIGO, Juliana Ravedutti. *Empréstimo consignado: repercussões sociais relacionadas à vida dos idosos do município de Palhoça/SC*. 2007. 148 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

RODRIGUES, Gabrielly de Farias. *Evidências de impacto do envelhecimento populacional nas despesas previdenciárias dos regimes próprios de previdência social*. 2015. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

ROZENDO, Adriano da Silva. *Protagonismo político e social na velhice*. 2013. 216 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2013.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 3, p. 6-19, 2002.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC BRASIL). *Hábitos, comportamentos e expectativas da terceira idade*. 2014a. Disponível em: [https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st\\_imprensa/spc\\_brasil\\_apresentacao\\_idosos\\_vida\\_financeira\\_vf.pdf](https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/spc_brasil_apresentacao_idosos_vida_financeira_vf.pdf). Acesso em: 30 maio 2018.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC BRASIL). *Inadimplência cresce entre os idosos, mas diminui entre os mais jovens, aponta SPC Brasil*. 2014b. Disponível em: [https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st\\_imprensa/release\\_inadimplencia\\_jovens\\_idosos\\_2014\\_v4.pdf](https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/release_inadimplencia_jovens_idosos_2014_v4.pdf). Acesso em: 30 maio 2018.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC BRASIL). *Inadimplência na terceira idade*. 2015. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/noticia/579>. Acesso em: 30 maio 2018.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC BRASIL). *Dois em cada dez idosos brasileiros usam a internet para fazer compras, mostra pesquisa do SPC Brasil*. 2016a. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/2129>. Acesso em: 30 maio 2018.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC BRASIL). *Quase metade dos idosos investe na poupança, mostram SPC Brasil e CNDL*. 2016b. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/2296>. Acesso em: 30 maio 2018.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC BRASIL). *Três em cada dez idosos sentem falta de produtos voltados para a terceira idade, mostra SPC Brasil*. 2016c. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/2176>. Acesso em: 30 maio 2018.

SILVEIRA, Fernando Gaiger *et al.* (org.). *Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas*. Brasília, DF: IPEA, 2007. v. 2. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Livro\\_completo2.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Livro_completo2.pdf). Acesso em: 30 maio 2019.

SOUZA, Bruna Osvald de; MORETTO, Cleide Fátima. Entre a razão e a emoção: a tomada de crédito consignado pelos idosos. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 75-88, 2014.

VERAS, Renato; RAMOS, Luiz Roberto; KALACHE, Alexandre. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e consequências na sociedade. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 225-233, 1987.

Data de Submissão: 25/05/2016

Data de Aprovação: 27/06/2019